

Mestrando do IEL analisa anedotas regionais sobre gaúchos, mineiros, paulistas e cariocas

# Pesquisa dissecou o universo das piadas

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

O leitor pode conhecer aquela piada do gaúcho com o mineiro, mas dificilmente terá refletido sobre as sutilezas empregadas na construção dessas pequenas peças literárias para que elas o façam rir. “Este trabalho nasce de uma preocupação banal e um tanto cômica: explicar piadas. E isso, no fundo, não tem a menor graça. Textos curtos com graus variados de complexidade, as piadas podem deixar um analista bastante neurótico”, afirma Gustavo Conde, bem humorado, na introdução da dissertação de mestrado *Piadas regionais: o caso dos gaúchos*, defendida junto ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Apesar dos gaúchos no título, o mestrando incluiu na pesquisa os mineiros, paulistas e cariocas, respeitando o ranking de preferências no anedotário nacional.

**Foco é estrutura semântica do humor**

Conde alerta que nem todas as piadas selecionadas para o trabalho são hilárias, visto que a preocupação de um linguista é mostrar a estrutura semântica do humor, o emaranhado de detalhes cenográficos, enunciados, ambigüidades lexicais, sintáticas e fonológicas, o “caráter” do interlocutor, o tom da narração. Tecnicamente, trata-se de análise do discurso, sustentada em teóricos como Michel Pêcheux e Dominique Maingueneau, sendo que a semântica e a pragmática também marcam presença através dos trabalhos de Victor Raskin e Paul Grice. Freud, outro que procurou explicar a essência das piadas, contribuiu com *Oschistes e sua relação com o inconsciente*, livro publicado há 100 anos. “Freud analisou uma relação de ‘chistes’, sempre pensando no inconsciente como fator determinante para esse tipo de prazer. Para ele, o prazer psíquico era proporcionado pela brevidade da piada, uma brevidade de tipo especial”, resume o mestrando.

O professor Sírio Possenti, do IEL, é o orientador da dissertação. Autor de várias publicações na mesma li-



Gustavo Conde, autor do estudo: análise do discurso, sustentada em teóricos

Fotos: Antoninho Perri

“Freud e Pêcheux”, esboço feito por Conde sobre desenho de Marc Fonda

nha de pesquisa, Possenti vê a piada como um fenômeno da linguagem dotado de técnica e de forma, que opera fortemente com estereótipos, geralmente servindo como veículo de um discurso proibido. “Por isso, os temas mais recorrentes nas piadas são sexo, racismo, corrupção, adultério, tragédias, defeitos físicos, etc. discursos que encontram barreiras para emergir no contexto social bem comportado e polido. Passam a ser um solo discursivo fértil, na medida que sua forma é menos comprometida ideologicamente. Contar uma piada racista não implica necessariamente um enunciador racista. No máximo, em alguém com senso de humor de mau

gosto ou maldoso”, acrescenta Gustavo Conde.

O fenômeno da piada é universal e, mesmo as culturas indígenas, trazem esta tradição de brincar com os sentidos da língua. Quanto às especificidades, são construídas a partir da literatura, da historiografia, das diferenças culturais e geográficas, do arquivo discursivo. Assim, o mexicano é ridicularizado pelo norte-americano, o belga pelo francês, o irlandês pelo inglês. Dentro de Portugal, os alentejanos é que se vêem rebaixados a “burros”. “Na literatura russa, encontramos o humor pesado, dramático e dolorido de Dostoiévski. Millôr Fernandes já afirmara, de fato, que o tipo de humor mais

agudo ‘é aquele que dói’. Isso lembra uma alfinetada bairrista do carioca Nelson Rodrigues, para quem ‘a pior forma de solidão é a companhia de um paulista’. Temos aí uma piada que pega na ferida”, ilustra o mestrando.

Segundo Gustavo Conde, uma particularidade das piadas brasileiras é o regionalismo, a disputa entre culturas acirrada pelos diferentes sotaques de uma língua estabelecida em todo o território. Mas as piadas podem ser classificadas conforme a técnica (duplo sentido, deslocamento, condensação) ou tema (loiras, negros, papagaios): a primeira classificação concentraria seus critérios no material linguístico e a segunda no aspecto discursivo, possibilitando ter diferentes técnicas para um mesmo tema e diferentes temas numa mesma técnica. O russo Victor Raskin, que publicou talvez o mais canônico dos livros sobre estudos linguísticos do humor (*Semantic Mechanisms of humor*, 1985), afirma que sua teoria pretende formular as condições necessárias e suficientes, em termos “puramente semânticos”, para que um texto seja engraçado.

**Regionalismo** – O paulista é ironizado por Nelson Rodrigues por causa do estereótipo de trabalhador chato, esnobe, preconceituoso, tedioso, enquanto o carioca sustenta a fama de malandro, bom de lábia, folgado, aproveitador, vida boa. “Por que a mulher do paulista nunca fica gripada? Porque sempre dorme com um xarope”, emendaria o bonachão com anos de praia. “São esses estereótipos, provavelmente, o que torna as piadas sobre paulistas e cariocas mais interdependentes. Para a piada funcionar, um tem que estar em contraposição ao outro. Do ponto de vista da análise do discurso, os embates entre paulistas e cariocas são exemplares para observar o funcionamento das piadas regionais como um todo”, avalia Conde.

A imagem consagrada do mineiro é a de caipira tímido, desconfiado, pouco conversador, mas que possui o dom de ludibriar os outros e que sempre se dá bem. A dissertação traz uma definição de Frei Betto sobre mineirice: “Ser mineiro é dormir no

chão para não cair da cama; sorrir sem mostrar os dentes. Desconfiar até do próprio pensamento (...) Mineiro é isso, só! Come as silabas para não morrer pela boca. Fala manso para quebrar as resistências do interlocutor. Sonega letras para economizar palavras. De vossa mercê, passa para vossemecê, vossência, vosmecê, você, ocê, cê, e num demora muito, usará só o acento circunflexo!”. Segundo Conde, o mineiro das piadas é dono de laconismo e lógica impassíveis que o deixam sempre em posição de superioridade. “É uma espécie de caricatura da competência pragmática”, complementa.

Quanto ao gaúcho, está no topo das ocorrências de piadas regionais. Na opinião de Gustavo Conde, trata-se de personagem singular no imaginário do brasileiro, por causa de referências históricas enaltecidas pela literatura, como a ligação com a terra, a lida com o gado, suas guerras, o desejo separatista e a proximidade geográfica e cultural com Argentina e Uruguai. “Sobre os gaúchos, a Internet privilegia a oposição macho-bicha, enquanto as publicações impressas elege mais traços dispersos como a rudeza, o machismo, a ‘cornice’ e também a ‘bichice máscula’. O tema da ‘bichice’ mexe diretamente com o orgulho do personagem gaúcho e seu discurso da tradição, da defesa de honras heróicas e da identidade viril. O gaúcho é macho até na ‘bichice’, mantém a faca entre os dentes”, compara o pesquisador.

Ao final do trabalho, Gustavo Conde já encarava a análise de piadas como uma tarefa perfeita para linguistas. “É a língua em seu funcionamento mais vivo. Numa piada, por sua natureza breve, os personagens que nela atuam têm de acionar de imediato a memória do leitor. Personagens como loucos, bêbados, deficientes físicos e fanhos são caracterizações psicológicas e físicas de forte apelo popular, verdadeira iconografia discursiva”, afirma. Não por acaso, o linguista já vê a entrada do estereótipo de um novo grupo social no ranking do anedotário nacional: “Você sabe por que a espingarda do mineiro tem dois canos? Para matar dupla sertaneja de Goiás”.

## Metodologia identifica adulteração de bebidas

MANUEL ALVES FILHO

manuel@reitoria.unicamp.br

Pesquisadores do Instituto de Química (IQ) da Unicamp, mais precisamente do Laboratório Thomson de Espectrometria de Massas, estão aplicando uma nova metodologia para identificar eventuais adulterações em bebidas alcoólicas. Além de assegurar a qualidade dos alimentos, a técnica abre caminho para a certificação desses produtos, ampliando assim a sua aceitação pelo mercado, inclusive o internacional, que se mostra cada vez mais exigente em relação a esses aspectos. De acordo com o cientista de alimentos Rodrigo Catharino, os ensaios têm demonstrado que o método é

**Fraude é detectada em até 2 minutos**

extremamente rápido e eficaz. “Em um ou dois minutos nós temos condições de dizer com 100% de segurança se uma amostra de uísque ou cachaça foi fraudada ou não”, afirma. Os especialistas do IQ trabalham com uma técnica chamada espectrometria de massas. Para aplicá-la às bebidas, eles desenvolveram marcadores específicos, capazes de identificar os elementos químicos que as compõem. Rodrigo Catharino destaca que uma das vantagens do método é que ele dispensa uma preparação complexa das amostras. “No máximo, nós diluímos um pouco da bebida com água ou álcool. Há casos, como o do uísque, em que nós

Da eq. para a dir., Alexandra Frankland Sawaya, Ildeniza Barbosa da Silva, Rodrigo Catharino e Maria Francesca Riccio Fonseca: método rápido e eficaz



injetamos a amostra *in natura* na máquina. É como se nós embebedássemos o equipamento”, brinca. Em seguida, o espectrômetro de massas analisa a bebida e aponta se há alguma substância estranha na mesma, tendo como referência uma amostra padrão.

O cientista de alimentos lembra que a adulteração de bebidas é uma prática relativamente comum no país. Um dos alvos principais dos fraudadores é o uísque, em razão do seu alto valor de mercado. Mas isso também acontece com a cachaça. Rodrigo Catharino conta que um dos artifícios mais comuns é bater a pinga com serragem, para conferir-

lhe um gosto aproximado do produto que foi envelhecido por longo período em tonel de carvalho, por exemplo. “Com a nossa técnica, nós temos condições de dizer em menos de dois minutos se isso ocorreu ou não com a amostra tomada para análise”, diz. Mas a metodologia não proporciona somente esse tipo de resposta. Extremamente versátil, ela também permite a identificação da origem do produto.

De acordo com o pesquisador do IQ, uma cachaça produzida em Minas Gerais apresenta diferenças fundamentais em relação a uma destilada em São Paulo do ponto de vista químico. “A partir do confronto

com as amostras que tomamos como padrão, nós temos condições de identificar se uma determinada bebida foi fabricada num ou outro Estado. Isso é importante, pois a análise pode ser usada como um certificado de origem do produto, o que lhe confere maior confiabilidade”, explica Rodrigo Catharino. Além da cachaça e do uísque, os especialistas da Unicamp também estão trabalhando com o vinho. Nesse caso, ao investigar as substâncias presentes na bebida, os cientistas têm como aconselhar os vinicultores a aprimorar o método de produção, seja em relação ao manejo no campo ou até mesmo no que se refere ao acondiciona-

mento nos barris de madeira.

Atualmente, destaca Rodrigo Catharino, a equipe do IQ, comandada pelo professor Marco Eberlin, está iniciando pesquisas em torno da cerveja. Um dos objetivos é melhorar o padrão da bebida. “Estamos buscando marcadores que possam apontar o ponto exato de maturação do produto, para que ele possa ser envasado no momento mais adequado”, adianta o cientista de alimentos. De acordo com ele, o grupo também está interessado em desenvolver o mesmo trabalho com outros tipos de bebidas, como café, suco de laranja, achocolatados, leite etc. “Nós queremos manter contato com indústrias que estejam interessadas em colaborar com essas pesquisas. Elas nos forneceriam as amostras e nós faríamos as análises necessárias. A única exigência é que essas empresas saibam exatamente qual é a origem da sua matéria-prima, para que possamos estabelecer padrões precisos de análises”, alerta.

As indústrias que queiram participar dos estudos podem manter contato com Rodrigo Catharino pelo telefone (19) 3788-3049 ou pelo e-mail rrcatharino@yahoo.com.br. Integram a equipe responsável pelos estudos os seguintes pesquisadores: Alexandra Christine Helena Frankland Sawaya, Ildeniza Barbosa da Silva e Maria Francesca Riccio Fonseca. A pesquisa conta com bolsas de estudos e financiamento concedidos pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).